

ACÇÃO CATÓLICA

A Semana Social de Bruxelas

IV

A resurreição do feudalismo — Quem serão os novos senhores feudais? — Uma obra católica de organização modelar — Bolsas, padarias, operários e... o mais que se verá

Bruxelas, 29-XII-30

A instabilidade do mundo, instabilidade no planeta; instabilidade nos seus habitantes. Por que enormes transformações não possam o misero e mesquinho até nêlo se tornar possível a vida?

Por que radicais mudanças não tenham passado os mequinhos e miseros em busca duma forma mais razoável de viver?

Mas, enquanto aquele adormeceu cansado de tanto labor pelas lidades fora, estes, sempre insaciados e cada vez mais insaciáveis, não atingiram ainda o estado que torne na terra a vida... possível.

A história da humanidade tem registado abalos sociais profundos que lhe servem à maravilha para se dividir em partes — outras tantas histórias. Após a derrocada de 1914, nova história começará.

As grandes lutas politico-sociais a que hoje assistimos mais não são do que a dolorosa preparação duma nova era.

Que se divida, nos escurecidos horizontes da aurora que avança?

Difícil seria prevê-lo. Aos estudiosos, porém, não é impossível prognosticá-lo. Não falta mesmo quem anuncie que voltamos a um novo, embora adaptado, regime feudal.

A essência do feudalismo, com efeito, está em captar a força do poder central que outrora se chamava príncipe; e que hoje tem o nome de governo ou Estado. Este, no sistema feudal, declararia de ser o senhor absoluto, para ser dominado pelos poderes particulares em proveito de seus interesses.

O regime parlamentar, ao contrário, era a exaltação do Estado soberano.

A revolução francesa que se erguera contra os particularismos, não admitia em face do Estado senão os indivíduos.

Mas o parlamentarismo agoniza.

Ha meio século que o espirito humano, evoluçionando violentamente contra o liberalismo, marcha áttivo para a reorganização dos estados com a colaboração de agrupamentos particulares organizados e coordenados.

E' o desenvolvimento do espirito de associação a que hoje assistimos.

A pressão que estes organismos exercem já sobre o poder é o pronúncio da nova idade feudal.

Os grandes senhores feudais que dominam desde agora e que dominarão mais tarde com dobrada energia, não são nem serão os condes ou os duques, mas os grupos organizados, fortes pelo número, valor e audácia dos seus membros.

E não tem sido a maçonaria portuguesa, assolapada nos antros negros das suas lojas, o despótico senhor feudal da nossa terra?

Dividindo-se, pois, no indeciso alvorecer do dia que se aproxima, o campo extenso, onde se ha-de travar, em renhida peleja, a batalha do futuro, seria incúria criminosa e cegueira fatal não ir preparando desde já e a toda a pressa, mas com sciência e consciência, exércitos valorosos para a próxima futura luta social.

A vitória pertencerá, sem dúvida, ao que mais adestrado saltar para a arena; ao ideal que mais forte e mais organizado se lançar no combate.

Luta renhida, mas luta decisiva.

Como ha dois mil anos é preciso de novo conquistar o mundo. Também hoje, como outrora, o segredo da vitória está naquelas palavras sublimes do nosso Rei-divino cuja bandeira deveremos hastear nas multiplicas cidadelas onde o diabo, por desleixo nosso, se instalou: *ut sint unum*.

Efectivamente, foi na hora solene do último adeus, antes de partir para a suprema batalha do Calvário e para a suprema vitória da Ressurreição, que Jesus insistiu — pedindo, em oração ao Céu e clamando, em pregação, à terra — na absoluta necessidade de *união*.

A voz do Sumo Pontífice, que na hora presente tantas vezes se tem erguido a clamar ao mundo pela obrigação urgente de cercar filicras na organização católica, é o eco forte daquela voz divina que impôs um dia aos seus o sagrado e imperioso dever da união.

E' em obediência a esta voz de comando que os verdadeiros católicos belgas teem trabalhado com efficácia no vasto campo da acção social.

No primeiro dia da Semana social de Bruxelas foi-nos dado assistir uma das mais belas organizações católicas destas terras: a associação geral «Patria».

«Patria» é uma instituição de fins sociais fundada em 1916 em Bruxelas por um grupo de arrojados católicos que souberam compreender e realizar generosamente aquelle grande dever de apostolado que obriga todo o soldado de Cristo.

Nestes catorze unos de honrada e gloriosa existência, a sua obra gigantesca e formidável representa, no meio em que exerce a sua acção, uma força poderosa de equilibrio e de paz social.

Para que os católicos da nossa terra possam ver de que seriam capazes, se se resolvessem duma vez para sempre a pôr de lado a cómoda preguiça, onumeravemos sucintamente os diversos ramos da actividade daquela brilhante organização.

Todas as noites, 300 a 400 jovens de um e de outro sexo, all aprendem o necessário para saberem e poderem defrontar com animo forte as enormes dificuldades da vida.

As escolas profissionais, para darem ao aluno uma completa formação técnica, são em grande número. Entre outras: escolas de contabilidade, de correspondência comercial, de caixeiros viajantes, de ajudantes de architecto, de pintores, de mestres de obras, de agentes do Estado, de dirigentes de officinas, de contra-mestres, de operários mecânicos de caminhos de ferro e de industria.

Além destas obras de ensino cujos benefícios sociais e morais facilmente se podem compreender, organizou a «Patria» uma série de obras sociais.

Bolsas de trabalho para operários e empregados com 5 a 6 mil colocações de dinheiro anualmente.

A bolsa dos empregados de hotel e restaurante exerce uma notável influencia sobre três a quatro mil destes empregados.

Para os operários há uma organização modelar a completa. Competitissima!

As desintelligências entre empregados e patrões são solucionadas pela «Patria». Para tornar mais prática e fácil esta intervenção, vários dos melhores advogados católicos, de Bruxelas sobretudo, põem à disposição dos operários, em determinados dias e horas, os seus serviços.

No caso de ao operário assistir a razão e ao patrão a teimoria, encarrega-se a «Patria» de levar a sua causa aos tribunals e lá de defendê-la.

Para o tratamento de doenças têm os operários ao seu dispor uma esplêndida policlínica, que vai desde o bem montado consultório dentário até às completas e modernas instalações do Ralo X, sem esquecer sequer — o que é digno de nota — os bancos da ginástica do Dr. Weiss.

Se lhes faltam operários, all se dirigem os patrões em busca dos homens de que carecem, certos de encontrarem competências e... consciências.

Na falta de trabalho, são os operários que lhes confiam o cuidado de nova colocação.

Não contentes com tudo isto, tendo acabado de organizar bolsas para os empregados em geral e bolsas femininas, teem em preparação uma caixa de *chômage*.

Entre todas estas obras e muitas mais de menor interesse, mas de grande efficácia, convém destacar, pela sua importância, uma padaria mecânica que fabrica de 30 a 40 mil quilos de pão por dia. É interessantíssimo o funcionamento de toda aquella engrenagem por onde passa a irma farinha até se transformar em pão quente e folto que enormes taboleiros despejam em várias camionetas encarregadas da distribuição.

E este pão vai aquecer num acto de fé e de gratidão sentida o coração do operário que o compra e o come...

O illustre senador Dr. Paul Krokaert, presidente do conselho administrativo, que, ao ter conhecimento da presença dos dois representantes das «Novidades», nos acompanhou amavelmente na visita às diversas dependências, foi-nos dizendo o sentido daqueles esforços:

«A Acção Católica, que deve ser encarada em concreto, tem de atender a todos os interesses. Esta obra é a força e a fraqueza dos católicos belgas: — a força porque impõe a sua vontade aos adversários e ao governo; fraqueza, porque as dificuldades cada vez maiores não nos deixam abranger, na nossa actividade, tudo o que deveríamos.»

E nós, ao passarmos por cada divisão, fomos pensando nos futuros senhores feudais...

Ao acabarmos de percorrer entusiasmados os amplos edificios que a «Patria» possui, sentimos uma pontinha de santa inveja por não termos na nossa Pátria uma «Patria» como esta.

Porque será? Não é porque a Bélgica, no seu aspecto geral, seja mais católica do que Portugal.

Pelo contrário! A metade católica dos belgas talvez seja ainda mais incoerente do que a quasi totalidade católica dos portugueses. Ao menos, assim o parecem demonstrar as miserias morais que, mesmo nos que vão à igreja, não são excepção.

Porque será, então? Responda a nobre consciência do velho Portugal.

A. V.